



Um olhar sob a perspectiva de gênero na Biblioteconomia: região Centro-Oeste

A look from the gender perspective in librarianship: Midwest region

Esdra Basilio, Universidade Federal de Goiás – basilioesdra@ufg.br

Eixo 3 - Formação e identidade profissional

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é uma área originalmente ocupada por homens que possuíam acesso aos livros, portanto, organizar o conhecimento no espaço denominado biblioteca era reservado aos mesmos. A bibliofilia era uma atividade masculina, como Michelle Perrot (2005, p. 37) afirma: “No século 19, a coleção, e ainda mais a bibliofilia são atividades masculinas. As mulheres se retraem em matéria mais humilde: roupa branca e os objetos”. Dessa maneira, busco compreender como se deu o processo de feminização da biblioteconomia no Brasil.

Ao articular o conceito de gênero no contexto da Biblioteconomia, considero-o pertinente dado o número significativo de mulheres nessa área, fazendo com que seja considerada uma profissão feminina, embora essa seja uma realidade vista empiricamente em grande parte dos estados brasileiros, a exemplo de Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso¹.

Refletir sobre a constituição da profissão bibliotecária sob a perspectiva de gênero torna-se fundamental para a compreensão do local que a Biblioteconomia ocupa na sociedade, sendo a profissão bibliotecária formada em sua grande maioria por mulheres. (PIRES, 2016, p. 115).

Ao realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Biblioteconomia brasileira, para minha surpresa, descobri que os fatos marcantes e definidores da profissão foram protagonizados por mulheres². Essa constatação indica que ocorre

¹ De acordo com os dados fornecidos pelo CRB-1, no ano de 2021, havia três mil e dezoito mulheres inscritas no Conselho e quinhentos e cinquenta e um homens inscritos, em porcentagem 84,6% de mulheres e 15,4 % de homens.

² Para ilustrar, citarei três conquistas para a área da Biblioteconomia brasileira. A criação da primeira entidade nacional da área da Biblioteconomia, a Federação Brasileira de Associação de



um silenciamento, um apagamento dessas bibliotecárias que foram protagonistas, sendo esse fato de suma importância para o desenvolvimento da profissão de bibliotecária. Tal afirmação se consolida, pois, afinal, nos cursos de graduação, na bibliografia apresentada pelos/as professores/as durante as disciplinas aparecem majoritariamente autores e figuram apenas os nomes dos homens bibliotecários.

O gênero como categoria de análise, até o presente momento, é pouco utilizado para refletir sobre a área da Biblioteconomia. Para Corrêa e Oliveira (2018), as pesquisas realizadas com o foco na perspectiva de gênero na Biblioteconomia são poucas. Friso que é fundamental uma compreensão da categoria relações de gênero, pois poucos trabalhos científicos dão visibilidade às mulheres que atuam como bibliotecárias, exercendo a função de diretoras e presidentas nos órgãos de entidades representativas da categoria, as mulheres bibliotecárias são também professoras universitárias nos cursos de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia do país e ainda são responsáveis pelas grandes conquistas da classe.

De acordo com Ferreira (2003, p.190),

Na Biblioteconomia, estudos com enfoque de gênero ainda não estão consolidados, à exceção de alguns artigos especializados na área, que, em geral, não aprofundam as questões de gênero na profissão da/o bibliotecária/o.

Ao realizar uma pesquisa na internet, via buscador Google, com o objetivo de levantar os trabalhos acadêmicos, sejam teses, dissertações, artigos e livros, que constassem as palavras no título 'gênero e biblioteconomia', realizei a busca simples digitando os termos Gênero na Biblioteconomia e pouquíssimos trabalhos foram recuperados. Constatei que existe uma lacuna no sentido de haver poucas

Bibliotecários-FEBAB em 1959, a partir da iniciativa da grande bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo e de Rodolfo Rocha Junior. Laura Russo foi eleita a primeira diretora da entidade.

A lei que regulamentou a profissão foi aprovada em 1962. Em relação à construção do projeto de lei, cabe destacar que suas normas foram elaboradas pelas bibliotecárias Laura Russo e Maria Helena Brandão. "Laura Russo entrou para a história da Biblioteconomia no Brasil, suas principais marcas históricas foram sem dúvida, ter sido a primeira presidente da FEBAB, o segundo legado foi em busca do sucesso, da consolidação e do respeito pelo exercício da profissão de bibliotecário no Brasil" (PINHEIRO, 2015, p. 192-193).

O primeiro Conselho Federal de Biblioteconomia-CRB foi formado em 1966, desse modo, foi a segunda entidade concebida também pela bibliotecária Laura Russo, que, por meio de eleições, foi eleita a primeira presidente do conselho.



pesquisas acadêmicas, científicas com abordagem da temática gênero na biblioteconomia, e entre os poucos trabalhos recuperados na busca destaco o artigo “A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação”, escrito pela professora de biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos, Elisabeth Márcia Martucci, publicado em 1996 na revista Perspectivas em Ciência da Informação;

Outro artigo que evidencio tem o título “O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero”, de autoria da professora do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, Maria Mary Ferreira, publicado na Revista Transinformação em 2003.

Também merece destaque a tese produzida pela bibliotecária Beatriz Alves de Souza, intitulada “O Gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os”, apresentada em 2014, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Dinter, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Por fim, cito o livro publicado em 2018, intitulado “O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação”, livro pioneiro organizado pelas bibliotecárias Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro.

Os trabalhos citados – os artigos, a tese e o livro - abordam aspectos que refletem sobre o gênero na área da Biblioteconomia. Todavia, nesta pesquisa, problematizo e busco compreender essa questão a partir dos aspectos históricos e da história oral, utilizando a chave de leitura da categoria gênero com o objetivo de descobrir se ocorre discriminação no exercício da profissão nas bibliotecas pesquisadas, com a intenção de ampliar o debate, sobretudo a partir da percepção das bibliotecárias.

Portanto, é relevante problematizar a história da Biblioteconomia ao se lançar mão dos documentos sobre o surgimento da biblioteconomia e de sua consolidação no Brasil. Nesse sentido, busco em Luca (2020, p. 25) a constatação de que “a interpretação do passado está sempre em mutação”.

A escassez de pesquisas que utilizam a categoria gênero para refletir sobre a biblioteconomia “torna a discussão quase sempre difícil, já que as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o



fato dela ser uma categoria predominantemente feminina” (FERREIRA, 2003, p. 193).

Investigar a Biblioteconomia, a partir da região Centro-Oeste foi uma escolha motivada pela disposição de realizar uma análise interdisciplinar, aliando história e Biblioteconomia para a compreensão dos discursos permanentes e as mudanças das práticas sociais a partir das relações de gênero no exercício da profissão de biblioteconomia nas Universidades Públicas Federais que possuem o curso presencial de graduação em Biblioteconomia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender as particularidades da Biblioteconomia, que já surge no Brasil em uma sociedade com desigualdades nas relações de gênero, procurei utilizar, neste trabalho, a categoria gênero como uma ferramenta analítica, conceito que foi inserido no campo dos estudos feministas pela historiadora norte-americana Joan Scott em 1986, a partir do artigo Gênero: uma categoria útil de análise histórica, traduzido no Brasil apenas em 1990. Esse artigo é uma referência teórica para os estudos de gênero. Indubitavelmente, as proposições de Scott marcaram de forma significativa o campo da história das mulheres, pois a autora propõe que gênero seja utilizado como categoria de análise para problematizarmos as relações sociais entre homens e mulheres e ainda como uma potente chave metodológica e teórica.

gênero é a lente de percepção através da qual nós ensinamos os significados de macho fêmea, masculino, feminino. Uma ‘análise de gênero’ constitui nosso compromisso crítico com esses significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos. (SCOTT, 2012, p. 332, grifo da autora).

As narradoras, ao longo das entrevistas, falaram sobre questões concernentes aos motivos que levaram à escolha da Biblioteconomia como área de atividade profissional e alguns pontos relacionados à vivência e às suas percepções em relação à profissão de forma ampla. As perguntas foram feitas a partir de um questionário semiestruturado, composto por perguntas associadas aos objetivos da



pesquisa. Foram entrevistadas cinco bibliotecárias, duas professoras do curso de graduação em biblioteconomia e três bibliotecárias atuantes em bibliotecas universitárias.

Na literatura da área da Biblioteconomia é possível ler essa afirmativa que o baixo prestígio da profissão de bibliotecária ocorre por ser exercida em grande parte por mulheres, e para ilustrar cito:

O caráter feminino da profissão também é responsável por boa parte da discriminação sofrida pela Biblioteconomia. Durante muito tempo, os homens não se sentiam à vontade para atuar em uma área predominantemente feminina, não reconhecida socialmente. (SOUTO, 2005, p. 35).

As representações sobre a profissão de bibliotecária são permeadas por estereótipos relacionados às mulheres. Por outro lado, em grande medida, as bibliotecárias não associam o baixo prestígio da profissão com o fato de ela ser uma categoria composta predominantemente por mulheres. Em relação à inserção das mulheres no mundo do trabalho assalariado, Borelli e Mattos (2019, p. 706) afirmam que “as atividades nas quais as mulheres penetraram foram progressivamente desprestigiadas, desvalorizadas monetariamente e socialmente, sendo descartadas pelos homens”. Acredito que esse processo ocorreu na área da Biblioteconomia.

Também é enfatizado pelas interlocutoras que as discriminações e preconceitos relacionados à área da Biblioteconomia ocorrem pelo fato de ela estar inserida dentro do campo da educação e da cultura, áreas que não recebem investimentos financeiros por parte do governo federal e dirigentes estaduais como deveria. Nesse sentido, em muitos lugares, nem existem bibliotecas municipais e públicas, e nas cidades onde há bibliotecas para a população em geral elas são, na maioria das vezes, formadas por livros doados, desatualizados e funcionam em espaços inadequados, localizadas no centro da cidade, de modo que a população que reside longe do centro urbano não tem possibilidade de frequentá-los. Dessa forma, ainda no século XXI, algumas pessoas não têm acesso a bibliotecas, por conseguinte, não sabem da existência da profissão de bibliotecária. Nesse trilhar de pensamento, destaco trechos das entrevistas com Amanda e com Beatriz³:

³ Utilizo ao longo do texto nomes fictícios para garantir o anonimato das entrevistadas.



Eu vou te dizer que eu desconheço essa questão de o baixo prestígio da profissão estar ligado à predominância de mulheres. Isso nunca ocorreu, eu nunca vi isso. Assim, eu de fato desconheço essa associação entre a predominância de mulheres e o baixo prestígio. Na verdade, o que tem para mim, desde a graduação, é que é um curso menos concorrido, um curso mais fácil de entrar na universidade e que de fato é. Hoje em dia, pelo menos na Universidade de Brasília, cada vez mais isso tem mudado. O curso está cada vez mais concorrido, mas o fato de ser menos concorrido, para mim, sempre esteve ligado à uma desvalorização das bibliotecas de maneira geral, ou da leitura, e não necessariamente à predominância de mulheres na profissão. Então, assim, eu não acho que seja essa a causa e também discordo absolutamente dessa afirmativa. (Amanda)⁴.

Bom, eu não concordo com essa afirmativa. Eu não acho que uma coisa tem relação com a outra, eu acho que se existe o baixo prestígio da profissão, isso é algo cultural do próprio país, de não reconhecer e prestigiar profissões que são ligadas à educação e cultura que é o caso da Biblioteconomia. Então, eu acho que é uma questão cultural do próprio país, do Brasil, que trata essas profissões como a Biblioteconomia, sem grande prestígio. E a gente sabe que existem profissões que são majoritariamente femininas como a enfermagem e a nutrição, e que não existe essa questão do baixo prestígio. Então, eu não acho que seja uma questão de gênero, mas sim uma questão cultural mesmo do próprio país de ter essa questão de não valorizar profissões que são ligadas à área de educação e cultura. (Beatriz)⁵.

As narradoras enfatizam o lugar secundário que as bibliotecas ocupam na sociedade brasileira como sendo o fator principal pela falta de valorização e de visibilidade que a profissão ocupa. Entretanto, observo que para além da questão cultural que está relacionada com a falta de notoriedade das profissões ligadas à grande área da educação e cultura, a Biblioteconomia ocupa um lugar diferente da profissão de professor/a, por exemplo.

Em relação à visibilidade e ao reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido por essa categoria, Escarlate, Mallmann e Coutinho (2021, p. 10) esclarecem que “O estereótipo de gênero não só existe, como persiste e permeia a vida das mulheres bibliotecárias, mesmo das que ocupam cargos de chefia, embora nem sempre percebido por elas”. Concordo com essa afirmativa, pois percorrendo as vozes das narradoras é possível perceber, em muitos momentos, que elas não identificam, não se dão conta que ocorrem interferências de gênero no exercício da

⁴ Entrevista em: 03 de março de 2021.

⁵ Entrevista em: 15 de junho de 2021.



profissão de bibliotecária. Isso é observado quando a colaboradora Beatriz⁶ traz o seguinte relato:

Eu nunca sofri discriminação na minha vida profissional, na Universidade que eu trabalho. Eu já sofri discriminação sim, em relação ao fato de ser mulher, isso é algo que é recorrente para nós mulheres, acho que toda mulher tem pelo menos uma história para contar que sofreu por ser mulher; não na biblioteca, não com os meus pares que trabalham comigo, porque na biblioteca isso nunca aconteceu, mas fora da biblioteca alguma reunião que eu participei em uma outra área da Universidade, já aconteceu, de uma pessoa me falar: ' ah, você não sabe o que está falando', com o tom da voz que dá para perceber que o que ele estava dizendo na verdade era: 'você é mulher por isso não sabe o que está falando'. E participei, várias vezes, de reuniões também com o meu chefe que é homem, o diretor da biblioteca que é um homem, e percebo que as pessoas dão mais importância para o que ele fala em relação ao que eu falo, e pode ser a mesma coisa, a mesma mensagem, e essa importância eu percebo que é por ele ser homem. Isso acontece, já aconteceu algumas vezes.

É interessante notar que no início de sua fala, Beatriz afirma que nunca sofreu discriminação em sua vida profissional, entretanto, logo em seguida, ela reporta a situações que, ao meu entender, se caracterizam como discriminação ancoradas no estereótipo de mulher bibliotecária, pois nos dois relatos Beatriz cita como exemplo elementos discriminatórios, como: “ah, você não sabe o que está falando”, e ainda quando ela narra que em reuniões com o seu chefe, que também é bibliotecário e exerce a função de diretor, ele possui maior poder de persuasão e autoridade frente à equipe de trabalho da biblioteca. Friso que Beatriz é que lidera a equipe da biblioteca a maior parte do tempo, tendo em vista que ela é a diretora adjunta da biblioteca, e ele, além de ser diretor da biblioteca, também exerce a função de professor do curso de biblioteconomia na mesma Universidade.

Portanto, compreendo que a ‘relevância’, demonstrada ao que o diretor fala em detrimento do que Beatriz fala com a equipe de trabalho ocorre devido às desigualdades de gênero. “Admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros”. (LOURO, 2014, p. 29).

Outro trecho que gostaria de ressaltar para continuarmos refletindo sobre o lugar da mulher bibliotecária se encontra na narrativa da colaboradora Cláudia⁷:

⁶ Entrevista em: 15 de junho de 2021.

⁷ Entrevista em: 22 de março de 2021.



não me lembro de sofrer preconceito e discriminação por isso, mas sinto que já sofri discriminação por ser uma mulher muito feminina, muito arrumada, eu acho que as pessoas já me olharam muitas vezes e falaram assim: 'Isso daí é só a beleza, não tem competência para nada', isso eu já senti dentro na Universidade, como profissional, como professora, de, às vezes, as pessoas me olharem meio que ficarem na dúvida se eu tinha competência ou não. Isso é uma coisa que não acontece com os homens, é muito difícil um homem ser julgado pela aparência, alguém questionar a sua competência a partir da sua aparência.

Me chama a atenção a desvinculação que a colaboradora faz do papel exercido como bibliotecária. Destaco que Cláudia é professora do curso de biblioteconomia, então essa discriminação em relação a ser 'bonita demais', na minha percepção, está diretamente relacionada ao fato de ela ser mulher e exercer a profissão de bibliotecária. Assim como a interlocutora Beatriz, Cláudia, também, no primeiro momento, enuncia que nunca sofreu discriminação por ser bibliotecária, por consequência, fica a pergunta: um homem bibliotecário viveria essas situações, de ter inteligência e competência postos à prova por conta da aparência física?

Cláudia continua:

eu posso dizer que eu até mudei a minha aparência de cortar o cabelo mais curto, deixar cacheado, porque eu acho que isso me deixa mais próxima da minha idade de fato, numa tentativa de que as pessoas atribuíssem a mim uma imagem de credibilidade; isso já me incomodou demais, demais, eu acho mesmo que todas as mulheres passam por esse tipo de julgamento.

Na tentativa de não parecer mais nova do que é de fato, ela corta os cabelos, muda sua aparência para passar uma imagem de seriedade. A cobrança em relação à aparência remete, a meu ver, aos estereótipos relacionados à imagem da bibliotecária, e me surpreende em certa medida, pois como professora universitária e servidora pública não haveria motivo para atender as cobranças sociais em relação à aparência física. Essa discriminação relatada por Cláudia é percebida a partir das subjetividades, olhares, comentários do meio social do qual ela faz parte.

Não há obrigatoriedade em se encaixar nos moldes dos estereótipos que estão no imaginário das pessoas, todavia, ela sentiu a necessidade de mudar a sua imagem corporal e comportamental com o propósito de se sentir aceita e obter respeitabilidade de seus pares, alunos/as. Sobre os estereótipos que permeiam a



área da biblioteconomia, Walter e Baptista (2007) afirmam:

os estereótipos só têm interesse se compartilhados pelos membros do grupo e é importante compreender por que e como eles são compartilhados. Além disso, não se pode ignorar que os estereótipos, uma vez formados, compõem o conjunto de visões que um determinado grupo tem de sua realidade, assim como possivelmente influenciarão comportamentos e atitudes, o que pode interferir positiva ou negativamente na visão interna e na externa, ou seja, daqueles que não integram aquela comunidade. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Contudo, o ambiente social em que a Cláudia está inserida é o meio acadêmico, seus pares são professoras/es, por consequência, são parte da comunidade da área de Biblioteconomia. Então, desse modo, compartilham do estereótipo onde a bibliotecária deve ser mais velha, usar roupas formais, usar óculos de grau, cabelo preso em um coque. Entre as características comportamentais esperadas estão: sempre que necessário fazendo um gesto pedindo silêncio, introspecção, postura de seriedade, mal humor, estar indisponível.

Walter e Baptista (2007) afirmam que uma das características dos estereótipos relacionados à profissão de bibliotecária é que todos são associados às mulheres, pois a profissão é “essencialmente exercida por mulheres” (2007, p. 32). E engloba outros estereótipos negativos, a saber:

Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32).

Nesse trilhar, estamos inseridas/os em uma sociedade generificada, onde o gênero nos constitui como sujeitos/as. Essa contradição expressa no início da narrativa da interlocutora Beatriz compõe o bojo das proposições essencialistas, onde em nossas práticas sociais não questionamos as representações que integram o ser mulher bibliotecária, em comparação ao ser homem bibliotecário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém assinalar, que a pesquisa apresentada ainda está em andamento,



venho problematizando e refletindo sobre as relações de gênero na Biblioteconomia. Á vista disso, investigando as representações ligadas à profissão, no momento presente, é possível compreender as permanências e as cristalizações em relação aos estereótipos negativos por serem relacionados às mulheres e que são reproduzidos em filmes, quadrinhos, livros. Ao problematizar as relações de gênero nos espaços da biblioteca e por meio de nossas práticas sociais, como, por exemplo, questionar os estereótipos é possível avançar e fortalecer a profissão.

REFERÊNCIAS

BORELLI, Andrea; MATTOS, Maria Izilda. Trabalho. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados,MS: UFGD. 2019. p.704 -708.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. OLIVEIRA, Ana Claudia D. C. Pelas mãos femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: As origens da CI brasileira. In: SILVA, Franciele Carneiro Garçês da; ROMERO, Nathalia Lima (Orgs.). *O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis: ACB,2018. p. 17-44.

ESCALANTE, Isadora; MALLMANN, Patrícia; COUTINHO, Luciano. O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil. *REBECIN*, São Paulo, v. 8, edição especial, p. 01-12. 2021. Disponível em: < <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/243>>. Acesso em: 08 fev. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 2014.

LUCA, Tania Regina de. *Práticas de pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, ago. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/b8fgrXCGZw83LwtjrL3LbcG/?lang=pt>>. Acesso em 2 jun. 2021.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: Edusc, 2005.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. *Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino*. 2016. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <



<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV>>. Acesso em: 22 de jan. 2022.

PINHEIRO, Jorge Corrêa Williams. A lei 4.084 de junho de 1962, o Sistema CFB/CRB e as Escolas de Biblioteconomia: uma integração histórica e necessária ao longo de 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil. In: CÔRTE, Adelaide Ramos et al. *Bibliotecários 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil: 1965*. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 191-201.

SCOTT Joan. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História*. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. São Paulo, n.45, p.327-351, dez.2012.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: *O profissional da informação em tempos de mudanças*. Campinas,SP: Editora Alínea. 2005.p. 29- 53.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. *Informação & Sociedade: Estudos*. n. 3. v. 17, p. 27-38. set./dez. 2007.